

Saudações ao Mestre Roberto Cardoso de Oliveira

Christina de Rezende Rubim.

Como citar: RUBIM, C. R. Saudações ao Mestre Roberto Cardoso de Oliveira.

In: RUBIM, C. R. (org.). **Iluminando a face escura da lua:** homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 13-28. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-242-0.p13-28>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

SAUDAÇÕES AO MESTRE ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA

Christina de Rezende Rubim

Inicialmente gostaria de desejar boas vindas a todos os nossos convidados, aos alunos e demais participantes da IX Jornada de Ciências Sociais¹, que pela primeira vez está homenageando um antropólogo – Roberto Cardoso de Oliveira – e a antropologia no Brasil.

Vocês chegaram com a primavera, mas não trouxeram as chuvas que neste final de mês já deveriam ter se iniciado, abrandando um pouco o calor insuportável [...].

Apesar de seca, no entanto, a cidade de Marília² está florida e ruidosa, com os ipês roxos, amarelos e brancos colorindo a paisagem e as maritacas, que com suas algazarras, nos fazem acordar mais cedo.

Como a maioria de vocês, inclusive nossos alunos que vêm de várias outras cidades brasileiras, eu não sou de Marília, mas fui seduzida pelo seu cotidiano e me encanto em descobri-la nos textos de Lévi-Strauss (1986 [1955]) e Pierre Mombeig (1998 [1949]).

¹ Evento ocorrido em setembro de 2004 na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) e patrocinada pelo CNPq, CAPES, FAPESP e Fundunesp.

² Cidade do Centro-Oeste paulista, distante aproximadamente 450 km da capital do estado.

Os dois autores, franceses, estiveram no Brasil ministrando aulas na Universidade de São Paulo. Lévi-Strauss entre 1935 e 1937, Mombeig, cerca de dez anos depois. Os dois fizeram pesquisa no interior do país e se apaixonaram pelo que viram e viveram. Encontramos igualmente em seus relatos, as dificuldades em transitar pelas estradas do interior, as queixas pelo calor insuportável, pela escassez das fontes estatísticas e ao mesmo tempo pela velocidade em que os nomes dos municípios eram modificados por decretos públicos.

Pierre Mombeig se assusta ao descobrir que algumas de nossas cidades com setenta/oitenta anos são consideradas “velhas”³. Lévi-Strauss (1986, p. 91-92) reclama da “feiura” de São Paulo, “[...] que passou da barbárie à decadência sem conhecer a civilização [...], eternamente jovem, nunca todavia saudável.”. Os dois se assustam com as distâncias geográficas quando comparadas com a Europa.

Marília está presente no texto de ambos. Ao se referir a cidade, o antropólogo francês enfatiza a área “consagrada às distrações”, que de “...600 casas construídas tinha pelo menos 100 de passe, destinadas na maioria a essas francesinhas [...]” (p. 119). Como tantos outros municípios, é fruto da marcha para o oeste que seguiu a trajetória do café, cobrindo inicialmente as partes montanhosas do Rio de Janeiro no início do século XIX, avançou pelo vale do rio Paraíba do Sul, chegando a São Paulo na segunda metade do mesmo século e finalmente se embrenhando pelo interior do estado, acompanhando os rios e já no século XX, trazendo as ferrovias.

Inicialmente o município de Marília era território dos índios Kaingang, e aos poucos se transformou em fazendas de café. Foi criado em 1928 a partir de três núcleos populacionais: Alto Cafezal⁴, Marília⁵ e Vila Barbosa⁶, com uma forte presença de japoneses e italianos.

A cidade é cercada de Itambé, grotões e espigões, como nos ensina Mombeig (1998) e Lévi-Strauss (1986).

³ Como por exemplo, Ribeirão Preto que possui atualmente cerca de cento e quarenta anos e Marília que fará oitenta e cinco em 2012.

⁴ Que tinha como proprietário Bento de Abreu.

⁵ Que tinha como proprietário Antônio Pereira.

⁶ Que tinha como sede a construção que hoje abriga a cantina Mama Mía.

Aos poucos, a partir dos anos quarenta, o café vai cedendo lugar ao algodão e ao amendoim, o que favoreceu a industrialização local que a partir da década de setenta tomou impulso.

Hoje o município possui um parque industrial considerável. Denominada por seus habitantes como a capital nacional do alimento, temos aqui várias indústrias de biscoitos e confeitos, além da metalurgia. A TAM⁷ e o BRADESCO nasceram em Marília.

Como parte desse contexto sócio-econômico, em 1959 foi criada a Faculdade de Filosofia (FAFI) como instituto ligado a Universidade de São Paulo (USP) que em 1976 foi transformada em Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da recém criada Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), com vinte e três⁸ unidades acadêmicas distribuídas por todos os cantos do estado.

Atualmente, Marília pode também ser chamada de cidade universitária. Cerca de dez por cento dos duzentos mil habitantes são universitários distribuídos entre três universidades – Unesp, Unimar⁹ e Univen¹⁰ – e algumas faculdades¹¹ como, por exemplo, a Famema¹² e a Fajopa¹³.

A FFC, campus de Marília possui nove cursos de graduações¹⁴ e quatro de pós-graduação¹⁵. O curso de ciências sociais começou a funcionar em 1964, completando neste ano de 2004, seu quadragésimo aniversário. Em 1999 iniciamos o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Mestrado, sendo que está em processo o projeto de Doutorado¹⁶.

⁷ Inicialmente Transportes Aéreos de Marília e hoje Transportes Aéreos do Mercosul.

⁸ Que conta com os seguintes campi: São Paulo (capital), Araraquara, Marília, Presidente Prudente, Assis, São José do Rio Preto, Ilha Solteira, Franca, Araçatuba, Dracena, Rosana, Tupã, Jaboticabal, Bauru, Ourinhos, Botucatu, Rio Claro, Sorocaba, Itapeva, Registro, São José dos Campos, Guaratinguetá e São Vicente.

⁹ Universidade de Marília.

¹⁰ Universidade Eurípedes de Marília.

¹¹ Atualmente contamos também com a Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal de Garça (FAEF) e logo será implantada também a Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC).

¹² Faculdade de Medicina de Marília.

¹³ Faculdade João Paulo Segundo.

¹⁴ Ciências Sociais, Filosofia, Pedagogia, Biblioteconomia, Relações Internacionais, Arquivologia, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

¹⁵ Ciências Sociais, Filosofia, Pedagogia e Ciências da Informação.

¹⁶ O Doutorado foi aprovado pela CAPES em 2006, quando selecionamos a primeira turma.

As Jornadas, realizadas a cada dois anos pela Unesp/FFC, campus de Marília, iniciou-se em 1986, inspiradas em eventos similares, promovidos por centros de estudos e universidades européias e norte-americanas, em que a obra de um autor é analisada e serve de ponto de partida para a discussão atual dos temas por elas tratados.

As Jornadas de Estudos de Ciências Sociais têm tido como característica principal privilegiar o estudo da obra de autores brasileiros, contando muitas vezes com sua presença e contribuição ao ciclo de debates, palestras e mesas-redondas. Esses eventos possuem como mérito maior o fato de constituírem um espaço de reflexão crítica, não apenas das contribuições dos autores estudados, mas também de atualização das discussões por eles propostas no plano do debate acadêmico, cultural e político do país. Foram homenageados pelas Jornadas, os professores Florestan Fernandes (1986), Caio Prado Jr. (1988), Antônio Cândido (1990), Octávio Ianni (1992), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1994), Leandro Konder (1998), Gilberto Freyre (2000) e Nelson Werneck Sodré (2002).

Quando cheguei a Marília e na UNESP, há seis anos, fiquei um pouco preocupada com a situação adversa da antropologia na instituição. Somos muito poucos antropólogos quando comparados com outras áreas das ciências humanas, e espalhados por várias unidades. Essa situação, no entanto, está se transformando, felizmente. Nas últimas jornadas tivemos em média cento e sessenta inscrições. A IX Jornada alcançou duzentos e cinquenta inscritos.

Pela primeira vez, o evento tem como objetivo dialogar com a obra de um antropólogo. O professor Roberto Cardoso de Oliveira, autor fundamental na construção institucional da antropologia brasileira, é responsável pela formação¹⁷ de várias gerações de antropólogos atuantes hoje em todos os cantos do Brasil e exterior. Discutir a obra de Cardoso de Oliveira é também repensar criticamente a história da disciplina entre nós, abordando os aspectos fundamentais do seu pensamento, de sua trajetória acadêmica, influências e polêmicas ao qual o autor não ficou isento.

¹⁷ A obra de Roberto Cardoso de Oliveira sobre a antropologia justificaria um trabalho dedicado exclusivamente a estas publicações. Durante sua vida fez pesquisas no campo antropológico. Em determinado momento, como ele próprio diz, passou a pensá-la: “[...] praticamente não faço mais pesquisa antropológica, não exercito integralmente minha disciplina, mas nem por isso deixei de refletir sobre ela, sobre sua história e sua epistemologia, seja escrevendo, seja lecionando na Unicamp e, episodicamente, falando em outras instituições de ensino e pesquisa.” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1992, p. 45-46).

Roberto Cardoso de Oliveira é uma das figuras brasileiras mais significativas no período dos anos 1960 aos 1990, período que foi marcado pelos programas de pós-graduações. O professor criou dois Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), o do Museu Nacional (1960-1972) e o da UnB (1972-1984) e participou da criação do Doutorado em Ciências Sociais na Unicamp (1985-1994). Esteve também presente na vida de nossa associação profissional, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA)¹⁸ e em diferentes fóruns de discussões e avaliação da disciplina no país. É uma figura recorrente nas dissertações e teses de diferentes instituições, influenciando temáticas, escolhas de temáticas e orientações teóricas. Além disso, é um dos poucos autores brasileiros que trata da antropologia como tradição.

Cardoso de Oliveira tem se esforçado também para estabelecer maior intercâmbio entre os antropólogos latino-americanos e, nesse sentido, é um dos fundadores da Asociación Latinoamericana de Antropología (ALA) sendo o seu presidente na gestão 1993 a 1997.

Roberto Cardoso de Oliveira graduou-se em filosofia em fins de 1953 pela USP, foi influenciado especialmente pelos estudos de lógica e epistemologia de seus mestres Gilles-Gaston Granger, Martial Gueroult e Roger Bastide. Com este último leu os clássicos da sociologia francesa, principalmente da *École Française de Sociologie*, e com Florestan Fernandes teve os seus primeiros contatos com a antropologia e o método funcionalista aplicado nessa área de conhecimento. O autor tinha especial interesse em estudar a epistemologia das ciências sociais, sua natureza e seus limites, comparando-as entre si, no que foi também influenciado pelo trabalho de Jean Piaget na Psicologia (CORRÊA, 1991, p. 337).

[...] after all these years, in the course of which I have completed studies of two indigenous groups [...] it seems that now I am gradually returning to my original interest in epistemology, that is, the nature and limits of knowledge in at least one of the human sciences, anthropology.

A influência do racionalismo francês, através de seus mestres, acompanhou Roberto Cardoso de Oliveira em sua produção intelectual posterior. Foi com essa formação básica, que o autor começou a fazer antropologia e ler os antropólogos ingleses e norte-americanos na década de 1950.

Strictly speaking, the French writers have always attracted me because of philosophical context of their works - as though they were always

¹⁸ Foi seu presidente na gestão 1984-1986.

struggling to maintain a domain proper to anthropology in the face of the constant threat of philosophy.

Ao deixar o Museu do Índio em 1958, Roberto Cardoso de Oliveira foi convidado por Castro Faria para ingressar no Museu Nacional¹⁹. Tomou a iniciativa de dar continuidade à proposta de formação de quadros para a antropologia iniciada por Darcy Ribeiro no Museu do Índio e organizou os cursos de especialização²⁰, pós-graduação *lato sensu*, na área de antropologia social. Transformou-se no primeiro pesquisador de uma nova carreira universitária criada naquela época pelo governo federal em 1958²¹. Sentia falta no Rio de Janeiro de um sistema de trabalho de dedicação exclusiva ao ensino e pesquisa – considerado como padrão acadêmico por excelência – e que já existia em São Paulo. Graças à autonomia que lhe foi concedida na montagem desses cursos no Museu Nacional, o professor (CARDOSO DE OLIVEIRA, entrevista, 1996)²² foi bem sucedido em seus planos.

Os cursos de especialização²³ começaram a funcionar no ano de 1960 e os seus primeiros alunos foram: Alcida Rita Ramos²⁴, Roberto Da Matta²⁵, Roque de Barros Laraia²⁶, Edison Diniz²⁷, Hortência Caminha e

¹⁹ No ano seguinte, o Museu Nacional foi incorporado a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo Otávio Velho (1992) a incorporação do Museu Nacional a UFRJ não significou a sua integração à instituição, o que de certa forma, vigora até os dias atuais: “No que diz respeito à UFRJ, devo confessar certa estranheza. Que em parte deve ser reflexo da posição do próprio Museu em relação a ela: muito mais antigo, só incorporado em 1960 e nunca plenamente integrado.” (O. VELHO, 1992, p. 52). A ideia da incorporação do Museu Nacional à Universidade do Brasil – que era a instituição do ensino superior no Rio de Janeiro naquela época – como um de seus institutos faz parte do projeto de criação da universidade carioca em 1937 (SCHWARTZMAN et al., 1984, p. 229).

²⁰ Os cursos de especialização exigiam a conclusão da graduação.

²¹ Ver Schwartzman, 1979.

²² Todas as entrevistas foram feitas por mim e estão publicadas na Tese de Doutorado (RUBIM, 1996).

²³ Castro Faria (1993, p. 23) afirma que esses cursos eram de Antropologia Cultural Segundo Júlio César Melatti (1984, p. 17), o primeiro curso de 1960 foi de Teoria e Pesquisa em Antropologia Social e os dois subsequentes foram chamados Cursos de Especialização em Antropologia Cultural. Roberto Cardoso de Oliveira concorda com Melatti e explica o motivo pelo qual os dois últimos passaram a contar com o qualificativo de cultural: foi a participação de Luiz de Castro Faria, enquanto que o primeiro foi ministrado exclusivamente por Cardoso de Oliveira (CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (IFCH, Unicamp) Comunicação pessoal, 1996). Para Laraia (1992, p. 19) eram cursos de Antropologia Social.

²⁴ Que tinha se graduado em história pela UFF.

²⁵ Graduado em geografia também pela UFF.

²⁶ Que fez o seu bacharelado em história na UFMG e a licenciatura na UFF, na mesma turma de Da Matta.

²⁷ Que segundo Roberto Da Matta (depoimento ao Projeto História da Antropologia no Brasil em 06 de agosto de 1991, Unicamp) foi o primeiro colocado no exame de admissão. Cardoso de Oliveira discorda afirmando que o primeiro colocado foi Roque de Barros Laraia (LARAIA, entrevista, 1996).

Onidia Bevenuto²⁸ sendo esta última, a única a não permanecer na profissão. Os três primeiros colocados – Laraia, Da Matta e Alcida Ramos – foram contratados²⁹ como bolsistas³⁰ do Instituto de Ciências Sociais³¹ da UFRJ³² com vínculos com o Museu Nacional.

Entre esses cursos de especialização e o início do mestrado no Museu Nacional em 1968, Roberto Cardoso de Oliveira, doutorou-se na USP com a orientação de Florestan Fernandes em 1968 e coordenou dois projetos: Estudos de Áreas de Fricção Interétnica no Brasil e Estudo Comparativo da Organização Social dos Índios do Brasil mantendo-se ligado ao ensino e à pesquisa ao mesmo tempo em que planejava a criação de uma futura pós-graduação *strictu sensu* em antropologia social no Museu Nacional.

[...] a partir da minha própria trajetória tal como apresentada, é possível sugerir, polemicamente, que isso efetivamente se deu às custas de um contágio, uma espécie de colonização invisível por parte da Sociologia. Até por efeito de migração. Invisível porque se processando na medida mesmo que a Sociologia se esvaziava como potência disciplinar. Quase como se diante de uma invasão (talvez mais por parte da Ciência Política que dos militares) tivesse havido uma transferência. Nós, em boa medida, passamos a ser os verdadeiros sociólogos - mais sutis, criativos, imaginativos. E apesar (ou por causa) de uma forte e diferenciadora identidade de antropólogos, disso nos orgulhávamos, dividindo o campo “moderno” das ciências sociais com a Ciência Política. (O. VELHO, 1992, p. 62-63).

²⁸ Sobre esta turma, ver o texto comemorativo feito por Alcida Rita Ramos em homenagem ao prof. Roque de Barros Laraia (1994, p. 15-22) que conta, inclusive, com uma foto histórica da autora ao lado de Laraia e Da Matta no Museu Nacional.

²⁹ Alcida Rita Ramos, por ser cidadã portuguesa, teve dificuldades nesta contratação. Mais tarde a autora se beneficiou de uma bolsa de estudos em Wisconsin, EUA, conseguida por Castro Faria, que por não ter a quem indicar, pediu a Roberto Cardoso de Oliveira que o fizesse em seu lugar. A bolsa, que inicialmente era para a área de arqueologia, logo foi transferida para a antropologia social, interesse maior de Alcida Rita Ramos (CARDOSO DE OLIVEIRA, entrevista, 1996).

³⁰ Bolsistas do CNPq segundo o depoimento de Da Matta.

³¹ O recém criado Instituto de Ciências Sociais (ICS) da UFRJ congregava a Faculdade Nacional de Filosofia e a Faculdade Nacional de Direito. O ICS teve como um de seus principais objetivos naquela época, apoiar financeiramente e através da concessão de bolsas de estudo, cursos de pós-graduação nestas duas áreas. A idéia de criação de um Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil foi encaminhado como anteprojeto em 1938, por Arthur Ramos ao ministério público: “Era baseado principalmente, segundo ele, no Institute of Human Relations de Yale, no Institute for Research in Social Sciences da Universidade da Carolina do Norte e na Divisão de Ciências Sociais da Universidade de Chicago...” (SCHWARTZMAN et al., 1984, p. 223).

³² Para Cardoso de Oliveira (CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (IFCH, Unicamp) Comunicação pessoal, 1996), a universidade ainda tinha a denominação de Universidade do Brasil. No entanto, preferi manter a denominação de UFRJ, pois de acordo com Schwartzman (1984) foi a partir do final da década de cinquenta que a instituição passou a denominar-se como tal.

A formação filosófica de Roberto Cardoso de Oliveira dentro da tradição francesa uspiana aliada ao seu interesse pela epistemologia das ciências sociais foi decisiva na definição da antropologia feita no Brasil enquanto ciência caracteristicamente social nessa época³³. Somado a um mercado editorial incipiente – poucas eram as traduções especializadas no campo da antropologia³⁴ – essa trajetória estimulou o caminho interdisciplinar na formação dos antropólogos, haja vista o exemplo dos primeiros grupos de professores que ministraram cursos no Museu Nacional. Eram sociólogos como Neuma Aguiar ou Jorge Graciarima, e na sua organização havia uma intenção mais ampla de se fazer uma antropologia muito próxima da sociologia, o que também mais tarde influenciou na estruturação do mestrado que, segundo Otávio Velho, tinha uma roupagem sociológica (O. VELHO, 1992, p. 43). Discorrendo sobre o modo como se integrou ao Museu Nacional após a sua graduação na PUC-RJ, o autor afirma que:

Ser parte da tribo significava nesse momento, inclusive, uma posição na divisão de trabalho, tal como RCO era mestre em idealizar. Anteriormente à minha chegada, ele desenvolvera a sua noção de ‘fricção interétnica’; o que levava necessariamente a uma atenção às ‘frentes de expansão’ da sociedade brasileira, naquele momento subordinada à noção de ‘colonialismo interno’. E eu, bacharel em Sociologia, fui escalado para pegar essa ponta do contato, em região onde o grupo já trabalhava (não só Laraia, mas também Da Matta e Melatti). E essa entrada na Antropologia por via da Sociologia, como se verá, marcaria boa parte da minha trajetória. Nesse contexto, produzido imediatamente após a volta por estímulo de RCO, o que mais me chama

³³ Claude Lévi-Strauss demonstra também que essa definição aconteceu em outras partes do mundo: “A antropologia é uma ciência demasiado jovem para que seu ensino não reflita as circunstâncias locais e históricas que estão na origem de cada desenvolvimento particular. Assim tal universidade reúne a antropologia cultural e a linguística em um mesmo departamento, porque os estudos linguísticos nela tomaram, muito cedo, um caráter antropológico, enquanto uma outra procederá a um agrupamento diferente, mas por razões da mesma ordem.” (1991 [1954], p. 387 e seguintes).

³⁴ A maioria dos textos utilizados eram em língua francesa, pois o seu conhecimento era considerado praticamente como uma obrigação dos alunos pela sua facilidade de pertencimento à cultura latina (CARDOSO DE OLIVEIRA, entrevista). Em francês tinha-se autores como M. Boule e Deniker (CASTRO FARIA, 1993, p. 15) e as traduções de Primitive Society de Robert Lowie e alguns textos de Bronislaw Malinowski. O espanhol, também muito utilizado, era a língua preferida pelos estudantes por ser mais próxima ainda ao português (CASTRO FARIA, 1993, pp. 15 e seguintes). Contava com obras como A. L. Kroeber publicada em 1945 pela Fondo de Cultura Economica, El Hombre y la Cultura de Ruth Benedict e Cuestiones Fundamentales de Antropología Cultural, tradução livre de The Mind of Primitive Man de Franz Boas. Em nossa própria língua dispunha-se somente de O homem: uma introdução a antropologia de Ralph Linton. Em relação às publicações de estrangeiros sobre o país, publicadas no Brasil no período de 1930 a 1988, ver Heloisa Pontes (1995) e sobre editores/editoras ver também Pontes (1989).

a atenção (afora o fato de conter um embrião da dissertação de mestrado) é como nele já está presente uma tensão que acompanharia de uma forma ou de outra a minha trajetória: entre os estudos localizados e as intenções generalizantes (O. VELHO, 1992, p. 10).

Muitos dos alunos dessa primeira turma, inclusive, foram atraídos pela pós-graduação *stricto sensu* em antropologia social por falta de alternativas no campo da sociologia na época, quando a disciplina passava por momentos de refluxos devido ao golpe militar de 1964³⁵. Afirmção reiterada por Roque de Barros Laraia em relação ao grupo de alunos que compôs a primeira turma³⁶ de mestrado do Museu Nacional:

Alguns desses eram inicialmente motivados para a Sociologia, mas buscaram a Antropologia pela então impossibilidade de cursar, no Rio de Janeiro, um programa de pós-graduação naquela disciplina. Todos eles foram, no decorrer do curso de mestrado, convertido à Antropologia, com uma única exceção.³⁷ (LARAIA, 1991, p. 22-23).

Laraia reforça ainda a ideia quando diz que a especialização no início dos anos 1960 no Museu Nacional era acusada pelos cientistas sociais de ser um curso sociologizante porque se utilizava de uma bibliografia plural como, por exemplo, *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica* de Florestan Fernandes (1959) e *The Structure of Society* de Marion Levi Jr. (1952):

A acusação mais frequente era que se tratava de um curso de Sociologia. Nada mais falso. Os temas tradicionais da Antropologia ocupavam a maior parte do tempo dos alunos. (LARAIA 1991, p. 19-20).

A impressão de uma sociologização da antropologia, isto é, da definição do campo da disciplina como antropologia social na criação do PPGAS/Museu Nacional está refletida também no Parecer credenciador do programa:

³⁵ Ver Otávio Velho (1992).

³⁶ É interessante notar que parte dos mestres formados pela primeira turma em antropologia social do Museu Nacional são professores do IFCS/UFRJ. Estamos nos referindo a Neide Esterici, Maria Rosilene Barbosa Alvin, Elizabeth Mercadante, Alice Rangel e Paulo Marcos Amorin.

³⁷ Possivelmente a exceção a que se refere Laraia é o de Lúcia Ramos Câmara que faleceu antes de completar o curso. No entanto, também Alice Rangel não concluiu o curso pois optou por fazer o mestrado em sociologia na Universidade de Londres (1970-1971). Mais tarde, Alice Rangel doutorou-se em sociologia pela USP (1974-1980) e atualmente compõe o corpo docente do IFCS/UFRJ.

Quanto à organização e regime didático-científico, entendo que as normas do curso satisfazem plenamente as exigências do artigo 13 do Parecer 77/69. A restrição da área de concentração a um único campo (Antropologia Social) e a existência de apenas dois domínios conexos (Etnologia e Sociologia) representa uma limitação ao mínimo exigido e prejudica a liberdade de escolha dos alunos mas, por outro lado, é compensada pela possibilidade de integração dos programas. Ganha-se assim em profundidade o que se perde em extensão [...]. (Parecer para o Credenciamento do PPGAS/Museu Nacional feito pela professora Eunice Ribeiro DURHAM, CEF 1968/73, p. 7).

O depoimento de Roberto Cardoso de Oliveira (entrevista, 1996) sobre esse momento de definição da disciplina – que marcou definitivamente o pensar/fazer antropológico entre nós –, foi revelador de uma tradição iniciada com a criação da USP, a vinda da Missão Francesa ao Brasil e a formação de um pensamento social brasileiro. É perceptível a iniciação de uma linhagem³⁸ nas ciências sociais onde a figura de Florestan Fernandes é fundamental e axiomática:

[...] porque em primeiro lugar, nos anos cinqüenta eu identificava mais o meu trabalho com a tradição inglesa combinada com a tradição francesa, que com exceção de grandes nomes como Marcel Mauss, Dumont e o próprio Lévi-Strauss não tinham tanta visibilidade como passaram a ter depois, sobretudo Lévi-Strauss. Mas no começo dos anos cinqüenta, inclusive, a gente entendia fazer Antropologia particularmente através da obra de Radcliffe-Brown, que você sabe que foi o grande teórico, certamente não foi o maior antropólogo, inclusive não produziu as grandes monografias, mérito que se devia muito mais a Malinowski. Mas Radcliffe-Brown foi aquele que tentou propor um esquema conceitual grandemente integrado, tributário da tradição francesa durkheimiana que Lévi-Strauss aplicava aos estudos das sociedades tribais e, portanto, definia a Antropologia como a disciplina que estudava as sociedades tribais. Interessante definir uma disciplina com um objeto concreto, o que

³⁸ Conforme Mariza Peirano (1992, p. 38): “[...] o fato talvez marcante seja que a transmissão de conhecimento e a formação de novos especialistas através dos processos pelos quais se deu o refinamento de conceitos (mas mantiveram-se os problemas) favorece uma prática na qual os autores nunca são propriamente ultrapassados: nomes conhecidos que um dia foram criticados e combatidos, frequentemente são incorporados nas gerações seguintes porque, relidos, revelam riquezas desconhecidas. Este mecanismo marca a disciplina e talvez se explique pela incorporação de autores como num culto a ancestrais: embora raramente se encontre hoje um especialista que se auto-defina como um estruturalista *stricto sensu*, também dificilmente um antropólogo deixa de incluir vários dos princípios do estruturalismo na sua prática disciplinar. O mesmo talvez possa ser dito a respeito de todos os ‘fundadores de linhagens’, num mecanismo que não respeita fronteiras: aqui no Brasil, Darcy Ribeiro incorporou Herbert Baldus, que foi incorporado, junto com Florestan Fernandes, por Roberto Cardoso de Oliveira, e assim sucessivamente. (O reconhecimento das filiações locais é, contudo, muito menos explicitado do que no caso das vinculações estrangeiras).” É também o que a antropóloga mexicana Teresa Rojas Rabiela (Comunicação a XX Reunião da ABA em Salvador, Bahia, abril de 1996) do Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS) denomina família.

hoje é difícil de você pensar. Mas, na época, isto era irrelevante porque mostrava que a antropologia concentrava a investigação sobretudo nas relações sociais, na sociabilidade das populações e com ênfase em algo que era muito mais, no ver da antropologia inglesa, concreto do que a cultura. Então, no fundo, toda a geração de Radcliffe-Brown era uma geração que se comportava mais como sociólogos aplicados às sociedades tribais. Em minha formação, eu tinha muito mais identidade com a sociologia porque comecei mexendo com antropologia através da experiência de Florestan Fernandes, um sociólogo que na sua formação, tanto no que diz respeito ao mestrado como ao doutorado, escreveu duas teses sobre os Tupinambá, e com influência muito grande de Radcliffe-Brown. Se não me engano, foi professor de Florestan na Escola Livre de Sociologia e Política, e tinha por isto a antropologia Social de influência britânica com uma massa de monografias incomparavelmente superior em quantidade e qualidade do que a antropologia que se fazia nos Estados Unidos. Mas, para responder a sua pergunta, naturalmente pela minha formação, privilegiava nos meus estudos as relações sociais, e na minha tese principal de doutorado escrevi sobre os Terena, sobre organização e tribalismo, *A Integração dos Terena Numa Sociedade de Classes*. Tipo de sabor 'florestânico' como você pode ver, pois ele estava estudando na época a integração do negro na sociedade de classe e foi o orientador da tese. Então, eu e Florestan tínhamos uma identidade muito grande de como conceber a antropologia. E eu, como seu aluno, esta coisa naturalmente se encaixou e quando passei a trabalhar com populações indígenas vivas, com as quais Florestan nunca trabalhou, restrito aos Tupinambá, naturalmente eu via a situação dos índios através das relações sociais. Quando depois escrevo *O Índio no Mundo dos Brancos*, estou privilegiando também as relações sociais, com a noção de fricção interétnica. O meu trabalho acadêmico era a base sobre a qual eu assentava o meu ensino, o ensino que eu dava a meus jovens estudantes, sobretudo o impulso como esse que era a tentativa de articular intimamente o ensino e a pesquisa, uma coisa nova na época, pelo menos nas universidades. (CARDOSO DE OLIVEIRA, entrevista, 1996).

Nos anos seguintes outras turmas se sucederam com apoio de bolsas de estudos do Instituto de Ciências Sociais da UFRJ e do Centro Latino-Americano de Pesquisa em Ciências Sociais. A turma de 1961 contava com Júlio Cesar Melatti³⁹, Marcos Magalhães Rubinger⁴⁰ e Maria Andrea Rios

³⁹ Hoje professor na UnB.

⁴⁰ Que faleceu precocemente.

Loyola⁴¹. A turma de 1962: Cecília Maria Vieira Helm⁴², Silvio Coelho dos Santos⁴³ e Maria Stella Amorim⁴⁴.

O PPGAS⁴⁵ do Museu Nacional foi criado no segundo semestre de 1968 com o mestrado⁴⁶ e financiamento da Fundação Ford.

Nesse primeiro momento, praticamente os únicos antropólogos que já trabalhavam na instituição eram os professores Cardoso de Oliveira e Castro Faria. Posteriormente, Moacir Palmeira⁴⁷, Francisca Isabel Vieira Keller⁴⁸, Neuma Aguiar e Roger Walker foram contratados por Cardoso de Oliveira com verba da Fundação Ford em 1968 e ainda David Maybury-Lewis⁴⁹ de Harvard que desde a primeira turma colaborou como professor visitante.

No início dos anos 1970, o PPGAS se ausentou do Museu Nacional e passou a ocupar parte das instalações do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais continuando como seu coordenador e chefe da Divisão de Antropologia do Museu Nacional Cardoso de Oliveira. No Centro, juntaram-se ao PPGAS os professores Jorge Graciaréma e Pierre Bombart .

⁴¹ Mais tarde participou da primeira turma de mestrado em antropologia social do Museu Nacional. Trabalha atualmente no Instituto de Medicina Social da UERJ e foi presidente da CAPES nos anos 1990. Não concluiu o PPGAS, terminando sua pós-graduação na França com Alain Tourraine (CARDOSO DE OLIVEIRA, entrevista, 1996)

⁴² Que tinha sido aluna na UFPR do Prof. José Loureiro Fernandes, um dos participantes da Primeira Reunião de Antropologia (1953) e um dos fundadores da ABA em 1953. O professor José Loureiro faleceu no final dos anos setenta. Atualmente, Helm é professora titular aposentada pela UFPR.

⁴³ Um dos responsáveis, no final dos anos setenta, pela criação do mestrado em antropologia social na UFSC, um dos nove centros de formação de antropólogos atualmente no Brasil. Presidente da ABA de 1992 a 1994, atualmente professor aposentado da UFSC.

⁴⁴ Maria Stella Farias de Amorim fez parte do grupo de dez alunos que iniciaram o mestrado em agosto de 1969 sem, no entanto, ter defendido a sua dissertação. Segundo Gilberto Velho (1980) foi a professora que o convidou a fazer parte do corpo docente do IFCS/UFRJ. Atualmente é professora titular aposentada pela UFRJ.

⁴⁵ Aprovado pelo Conselho Universitário da UFRJ em 31 de outubro de 1968. O credenciamento do mestrado foi obtido pelo CFE em janeiro de 1977 pelo Parecer N° 3.788/76 do Processo MEC N° 2.012/69. Este credenciamento foi renovado em 1980, 1985 e 1990, isto é, de cinco em cinco anos. A partir de 1995, existe um novo regulamento que diz que os cursos que possuem conceito "A" não precisam se reconduzir.

⁴⁶ Experiência que veio substituir o antigo sistema de estágios vigentes até então no Museu Nacional, que tinham como objetivo formar pesquisadores em antropologia. Alguns dos estagiários, como por exemplo Otávio Velho, se transformaram em alunos do mestrado.

⁴⁷ Que se doutorou na França.

⁴⁸ Mais tarde, Francisca Isabel Vieira Keller. A professora Francisca ou Chiquita, como era carinhosamente chamada, hoje já falecida, empresta o seu nome à Biblioteca do PPGAS. Obteve seu doutorado na USP com a tese A absorção do japonês em Marília (1967), orientada por Florestan Fernandes.

⁴⁹ Maybury-Lewis fez o seu mestrado na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, sendo orientado por Herbert Baldus. Seu doutorado foi obtido em Oxford, orientado por Rodney Needham.

Faziam parte do corpo docente⁵⁰, já nessa fase, além de Cardoso de Oliveira e Castro Faria, Roque de Barros Laraia⁵¹, Júlio César Melatti⁵², Roberto Da Matta⁵³ e Yonne de Freitas Leite⁵⁴. Como professores visitantes Shelton Davis, Richard Adams, Anthony Leeds, David Maybury-Lewis e Henry Selby. Os dois últimos da área de sociologia.

Por desentendimentos com a direção do Museu Nacional, e a convite de Roque de Barros Laraia, Roberto Cardoso de Oliveira⁵⁵ (entrevista, 1996) seguiu no primeiro semestre de 1972 para Brasília após estágio de um ano nos Estados Unidos, na Universidade de Harvard.

Sabendo do descontentamento por parte de Cardoso de Oliveira em continuar no Museu nacional, Roque de Barros Laraia entrevistou junto ao então reitor da UnB, Amadeu Cury, no sentido de convidá-lo a se transferir para Brasília junto com sua equipe do Museu Nacional.

Como Roberto Cardoso de Oliveira já tinha recebido um convite anterior para o pós-doutoramento em Harvard, preferiu seguir para os Estados Unidos e pensar um pouco mais no assunto. Em Cambridge foi procurado por João Paulo Magalhães⁵⁶ que também o convidou a integrar o corpo docente de uma jovem universidade no interior paulista: a Unicamp.

O regresso de Roberto Da Matta de seu doutorado em Harvard deixou Roberto Cardoso de Oliveira mais tranquilo, segundo suas palavras, quanto ao futuro do PPGAS/Museu Nacional, podendo assim escolher entre as duas opções que se apresentavam ao seu futuro profissional.

⁵⁰ “Julgando a qualificação dos professôres pelo conhecimento de sua produção intelectual e não pela documentação, pode-se seguramente afirmar que, no campo da Antropologia Social, não há, no Brasil, nenhuma outra instituição que conte com pessoal de tão alta categoria. A presença de treze doutores num mesmo curso é algo dificilmente alcançável mesmo em Universidades estrangeiras.” (Parecer para o credenciamento do PPGAS/Museu Nacional feito pela professora Eunice Ribeiro DURHAM, CEF 1968/73, p. 4).

⁵¹ Que permaneceu como professor no Museu Nacional somente por um semestre, transferindo-se para Brasília em 1969.

⁵² Que também se transferiu para a UnB junto com Roque de Barros Laraia.

⁵³ Que se encontrava nos Estados Unidos completando o seu doutorado em Harvard.

⁵⁴ Yonne de Freitas Leite é bacharel e licenciada em Letras Neolatinas pela FNFfi (1957). No ano seguinte ingressou como auxiliar de ensino (sem remuneração) na Cadeira de Língua e Literatura Espanhola na FNFfi. Em 1959 tornou-se estagiária do Museu Nacional e em 1960 foi contratada como naturalista da instituição. Em 1969 passou a professora assistente do PPGAS/Museu Nacional. Obteve seu Ph.D. pela Universidade do Texas, Austin, com a tese *Portuguese, stress and related rules* (1974). Atualmente a professora Yonne Leite está aposentada e foi presidente da ABA na gestão 1998-2000.

⁵⁵ Coordenador do PPGAS de agosto de 1968 à dezembro de 1970.

⁵⁶ Economista do Instituto de Ciências Humanas da Unicamp que naquela época congregava também a economia e a linguística, além da filosofia, história e ciências sociais.

Em sua volta ao Brasil no início de 1972, Cardoso de Oliveira escolheu ir para Brasília onde tudo relativo à pós-graduação precisava ser feito, diz ele⁵⁷, enquanto que na Unicamp iria simplesmente somar seus esforços aos demais professores do mestrado em antropologia social criado um ano antes. Além disso, o professor sentia-se em família com a equipe de antropólogos de Brasília, seus antigos colaboradores no Museu Nacional, com a qual não tinha perdido contato em função do Convênio firmado em 1969 entre a Divisão de Antropologia do Museu Nacional⁵⁸ e o Instituto de Ciências Humanas⁵⁹ da UnB chefiado por Roque Laraia⁶⁰. Vários professores do PPGAS/Museu Nacional não quiseram acompanhá-lo, segundo Cardoso de Oliveira, em função do apego a cidade do Rio de Janeiro, mas outros aceitaram seu convite, como Alcida Rita Ramos e Ken Ian Taylor.

Foi na UnB que foi criado o Anuário Antropológico⁶¹ em 1977, tornando-se uma das publicações mais respeitadas no Brasil e no exterior e pela Série Antropologia já quase em seu número duzentos. Ambas as publicações foram iniciativa de Roberto Cardoso de Oliveira.

O nosso homenageado chegou a Unicamp em 1985 quando ajudou na implantação do Doutorado em Ciências Sociais. Foi nesse ano que encontrei pela primeira vez o professor Roberto Cardoso de Oliveira. Fui sua aluna em um curso na pós-graduação, que ministrava juntamente com Luiz Eduardo Soares e Hugo Lovisolo.

Em 1996, com Octávio Ianni, Otávio Velho, Roque de Barros Laraia e Mariza Corrêa – minha orientadora – compôs a banca de doutoramento na qual era eu candidata. Uma situação inusitada onde meus avaliadores eram

⁵⁷ Entrevista de Roberto Cardoso de Oliveira ao professor Klaas Woortmann (1993).

⁵⁸ Da qual Roberto Cardoso de Oliveira era diretor.

⁵⁹ O Instituto de Ciências Humanas incluía também os Departamentos de Administração, Departamento de Economia, Departamento de Geografia, Departamento de História e Departamento de Comunicação Social. Em 1986 foi criado o Departamento de Antropologia (DAN), o Departamento de Sociologia (DS) e o Departamento de Serviço Social (DSS), extinguindo-se o antigo Departamento de Ciências Sociais (CIS). Além de Roque de Barros Laraia, que foi Diretor do Instituto por seis anos, Roberto Cardoso de Oliveira também esteve em sua direção no período de oito anos (1976-1984), transformando-se numa das figuras centrais na construção da pós-graduação em antropologia social em Brasília.

⁶⁰ Em meados de 1976, Laraia decidiu deixar a direção do Instituto de Ciências Humanas e fazer uma viagem de atualização teórica a uma universidade inglesa, onde permaneceu por todo o ano subsequente (Laraia, entrevista).

⁶¹ O Anuário Antropológico conseguiu uma dimensão tamanha ao ponto de alguns professores afirmarem que é basicamente através de seus artigos, que a antropologia de Brasília aparece no cenário antropológico nacional (Ramos, entrevista).

também meus sujeitos de pesquisa, e quase todos, segundo Cardoso de Oliveira, sexagenários e precisando de um *coffe break* nas quase oito horas de defesa.

Roberto Cardoso de Oliveira foi Professor Emérito do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Doutor *Honoris Causa* da UFRJ, Colaborador Emérito do Museu Paraense Emílio Goeldi, professor da UnB e Membro da Academia Brasileira de Ciência, além de ter recebido também vários prêmios internacionais e ter presidido a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) entre 1984-86.⁶²

REFERÊNCIAS

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Depoimento*: rememorando um Programa. Comunicações do PPGAS, Rio de Janeiro, nº 2, p. 45-56, nov. 1992.
- CASTRO FARIA, Luiz de. A antropologia no Brasil: depoimento sem compromisso de um militante em recesso. In: *Anuário Antropológico 82*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 228-250, 1984.
- CORRÊA, Mariza. An interview with Roberto Cardoso de Oliveira. In: *Current Anthropology*, v. 32, nº 3, p. 335-343, jun. 1991.
- FARIA, Luis de Castro. A antropologia no Brasil: depoimento sem compromisso de um militante em recesso In: _____. *Antropologia: espetáculo e excelência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Tempo Brasileiro, p. 1-25, 1993.
- FERNANDES, Florestan. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. São Paulo: EDUSP/Pioneira Editora, 1970 [1951].
- _____. *A revolução burguesa no Brasil*: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- _____. *A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1975b.
- LARAIA, Roque de Barros. O ensino de ciências sociais hoje. In: BOMENY, Helena; BIRMAN, Patrícia (Org.). *As assim chamadas ciências sociais*: formação do cientista social no Brasil. Rio de Janeiro/Relume-Dumará, 1991.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa, Edições 70, 1986 [1955].
- MELATTI, Julio Cezar. Situação e problemática da antropologia no Brasil. *América Indígena*, México, Instituto Indigenista Americano, v. 40, n. 2, p. 225-279, abr./jun. 1980.

⁶² P.S. Em 20 de julho de 2006, faleceu o professor Roberto Cardoso de Oliveira em Brasília. Lembro que na ABA em junho do mesmo ano em Goiânia, tinha conversado com Luiz Roberto Cardoso de Oliveira, então eleito presidente de nossa associação, sobre a ausência de seu pai, pois gostaria de ter me encontrado com ele que, a meu pedido, estava preparando um prefácio para este livro. Roberto não foi somente meu professor, mas tornou-se um amigo na Unicamp em 1986. Como pessoa e mestre, sempre foi uma referência, não somente pelos seus textos, mas pela sua presença como professor, ensinando e nos instigando intelectualmente. Nunca vou esquecer de sua generosidade.

- _____. A antropologia no Brasil: um roteiro. *Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 3-52, 1º sem. 1984.
- _____. A antropologia no Brasil. Apresentação. *Anuário Antropológico* 82, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 227-228, 1984.
- FERNANDES, Florestan. Uma presença efetiva. *Anuário Antropológico* 92, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- LARAIA, Roque de Barros. A comunidade de origem In: CORRÊA, Mariza; LARAIA, Roque de Barros. *Roberto Cardoso de Oliveira: homenagem*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1992, p. 17-24.
- MELATI, Júlio César. A Antropologia no Brasil: um roteiro. *Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 3-52, 1984.
- MOMBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros em São Paulo*. São Paulo, HUCITEC/Polis, 1998 [1949].
- PEIRANO, Mariza. Os antropólogos e suas linhagens. In: CORRÊA, Mariza; LARAIA, Roque de Barros (Org.). *Roberto Cardoso de Oliveira: homenagem*. Campinas: IFCH/Unicamp, 1992.
- PONTES, Heloisa. Retratos do Brasil: editores, editoras e “Coleções Brasileiras”. In: MICELI, Sérgio (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: IDESP/Editora Vértice/FINEP, 1989. (v. 1).
- _____. Brasil com Z. A produção estrangeira sobre o país, editada aqui sob a forma de livro entre 1930 e 1988. In: MICELI, Sérgio (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré, 1995. (v. 2).
- _____. Círculos de intelectuais e experiência social. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, n. 34, jun. 1997.
- _____. *Destinos mistos: os críticos do grupo clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RABIELA, Teresa Rojas. Las agrupaciones de antropólogos en México: una historia de familia. In: Comunicação apresentada à Mesa Redonda “Formas de Organização e Intervenção Social dos Antropólogos”, *Reunião da ABA*, 20ª. Salvador, 15-18 de abril de 1996.
- RUBIM, Christina de Rezende. *Antropólogos brasileiros e a antropologia no Brasil: a era da pós-graduação*. Campinas: Unicamp. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) IFCH/Unicamp, 1996.
- SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional/FINEP, 1979.
- _____. BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra/EDUSP, 1984.
- VELHO, Gilberto Alves. Sobre conhecimento e heresia. In: _____. (Org.). *O desafio da cidade*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.
- _____. *Memorial*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1992.
- VELHO, Otávio. *Memorial*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1992.
- WOORTMANN, Klass. Crônica (informativa, levemente crítica e um tanto apologética) de um Programa de Pós-Graduação: a antropologia na UnB. *Série Antropologia*, Brasília, n. 142, 1993.